Laboratório para o ensino de Língua Portuguesa

Lêda Corrêa

São Cristóvão/SE
2012

Sumário

Aula 1

PRINCÍPIOS GERAIS DA DESCRIÇÃO GRAMATICAL DA LÍNGUA PORTUGUESA

META

Apresentar e distinguir os planos da forma e do significado na descrição gramatical; expor os tipos de fatos da língua mais importantes para a descrição gramatical da Língua Portuguesa.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:
distinguir e relacionar os planos da forma e do significado na descrição gramatical;
conhecer e avaliar os tipos de fatos da língua mais importantes para a descrição gramatical da Língua Portuguesa.

PRÉ-REQUISITO

Conhecimento gramatical aprendido no uso cotidiano e no ensino formal da Educação Básica em Língua Portuguesa.

Lêda Corrêa

INTRODUÇÃO

"Cada falante é um poliglota na sua língua". Você conhece essa frase? Já parou para refletir sobre ela? Em seu sentido mais imediato e descontextualizado, ela encerra um paradoxo. Observe. No dicionário, poliglota é aquele que sabe ou fala muitas línguas. Então, como pode um falante ser poliglota em sua própria língua? Contudo, não podemos nos esquecer de que os enunciados não ocorrem fora dos textos e os textos não se realizam independentemente de um contexto situacional. Em sua obra Ensino da gramática. Opressão? Liberdade? o gramático Evanildo Bechara enuncia essa frase ao refletir sobre as possibilidades de expressão de uma língua em diferentes situações de uso. Inserido nesse contexto, o paradoxo da frase se desfaz e cede lugar a um conceito de língua que não se restringe apenas ao código linguístico. Ultrapassa-o, na medida em que propõe que todo falante de uma língua desenvolve não só sua capacidade de codificar e decodificar expressões, mas também "de usar e interpretar essas expressões de uma maneira interacionalmente satisfatória" (NEVES, 1997, p. 15).

Nos idos do movimento Modernista da literatura brasileira, o poeta Oswald de Andrade, em seu poema *Pronominais*, bem ilustrou as diferenças das ocorrências verbais prescritas pela gramática e as praticadas pelo povo no cotidiano. Leia o poema:

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da nação brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro.
(Texto retirado do site http://www.literaturabrasileira.net)

Observe que o gramático e o poeta aproximam-se em suas reflexões sobre o uso da língua, possibilitando-nos compreender que um usuário da língua pode ser considerado comunicativamente competente, quando sabe utilizá-la de diferentes modos dependendo da situação na qual está interagindo em sociedade. Assim, em situações formais de escrita, o uso da expressão *Dê-me um cigarro* é adequada; entretanto, em situações informais da fala cotidiana, a expressão *Me dá um cigarro* é muito mais eficiente do que a realização do padrão escrito.

Contudo, no domínio do ensino da gramática, tem ocorrido uma superinterpretação da frase de Bechara, ou ainda, das possibilidades variadas de uso da língua, que, às vezes, resulta em atitudes polarizadas e discordantes

entre os profissionais da área em prejuízo do aluno e do seu aprendizado da língua portuguesa.

De um lado, há posições tradicionalistas, que por se orientarem apenas pelas noções do "certo" e do "errado", acabam defendendo a existência única da língua na modalidade culta, "repudiando aquele saber lingüístico aprendido em casa, intuitivamente, transmitido de pais a filhos" (BECHARA, 1991, p. 14). De outro lado, as posições tidas como mais liberais (não no sentido político da expressão), em nome de uma "liberdade" contraposta à ideia de imposição da norma culta, defendem o inverso e rejeitam qualquer outra manifestação linguística, "que não seja aquela coloquial, de uso espontâneo na comunicação cotidiana" (ibid., p. 14).

As duas posições extremadas revelam a existência de "opressão", pois não permitem ao falante a liberdade da escolha mais adequada para cada situação de uso da língua. Segundo Bechara (1991), só haverá "liberdade" quando ocorrer a conscientização e a prática do ensino da língua na perspectiva que contemple as variadas realidades de uso efetivo do Português Brasileiro. Em síntese, a gramática do padrão escrito deve ser entendida como algo que vem juntar-se (não contrapor-se de modo imperativo!) à modalidade coloquial.

Feitas essas considerações introdutórias, desenvolveremos, nesta aula, alguns princípios básicos para a descrição gramatical mais complexa dos fatos da língua. Tais princípios são indispensáveis para descrever ocorrências da escrita padrão e da oralidade.

FORMA E SIGNIFICADO

A descrição gramatical consiste em analisar as unidades da língua sob dois aspectos fundamentais: a *forma e o significado*. Tomemos como exemplo a palavra *abacateiros*. Do ponto de vista formal, uma descrição dessa unidade deve levar em conta sua pronúncia, sua estrutura morfológica (radical *abacate-*; sufixo *-eiro*; flexão *–s*); e seu comportamento sintático (admite a anteposição do artigo *os*, mas não do artigo *as*; pode constituir o núcleo de um sintagma nominal etc.). Do ponto de vista semântico (*significado*), deve-se levar em conta seu significado básico (*"árvore que produz o abacate"*); o fato de indicar mais de uma dessa espécie de árvore etc.

Como você observou, os dois aspectos, o *formal e o semântico*, estão presentes na palavra *abacateiros*. Embora as unidades linguísticas sejam uma grandeza com dupla lateralidade, como nos lembra Saussure (1915), não devemos misturar os critérios *formais* e *semânticos* na descrição gramatical, sob pena de definirmos de modo incompleto ou vago qualquer função gramatical. Contudo, realizada a descrição isolada, devemos estabelecer um sistema de correlações entre os dois critérios.

Para entendermos melhor a necessidade da descrição isolada dos aspectos *formais* e *semânticos* das unidades da língua, relembre a definição mais usual da função *sujeito* nas gramáticas normativas. Se você se lembrou de algo como: *sujeito é o elemento a respeito do qual se diz ou se declara alguma coisa,* poderá perguntar se prevalece o critério *sintático* (*formal*) ou *semântico* nessa definição. A resposta parece simples: o critério é *semântico*. Mas, como resolver o problema do ponto de vista *formal* ou *sintático*? A função de sujeito sintático nos oferece dados sobre sua organização no interior da oração. Desse modo, do ponto de vista sintático, sujeito "é o termo da oração que está em relação de concordância com o NdP" -Núcleo do Predicado (PERINI, 1995, p. 77).

No próximo item, você irá conhecer quais são os aspectos mais importantes na descrição sintática da língua. Trata-se de uma introdução necessária ao aspecto *formal*, pelo qual iniciaremos nossa abordagem.

TIPOS DE FATOS SINTÁTICOS NA DESCRIÇÃO GRAMATICAL

Toda descrição gramatical reflete sobre fatos da língua. No campo da sintaxe, os fatos mais importantes pertencem aos seguintes tipos, de acordo com a proposta de Perini (1995):

(a) posição linear na sequência;
(b) agrupamento em constituintes;
(c) manifestações da relação de regência;
(d) correspondência.

POSIÇÃO LINEAR

Há unidades que não podem ocupar qualquer posição na linha do enunciado. No enunciado (1) João não se conformou com o prejuízo de sua empresa, a unidade *se* só pode ocorrer entre *não* e *conformou*, uma vez que há restrições posicionais da palavra se em construções agramaticais, como * se *João não conformou com o prejuízo*...* *João se não conformou com o prejuízo.*

Ver glossário no final da Aula

Em outros casos, a posição da unidade pode variar. No enunciado (2) *Nenhum povo deve viver sem liberdade*, a palavra *nenhum* pode ocorrer também em outra posição: (2a) *Povo nenhum deve viver sem liberdade*, mas não pode ocorrer em (2b)* *Povo deve viver sem nenhum liberdade.*

AGRUPAMENTO DE CONSTITUINTES

As unidades que compõem um enunciado se organizam por grupos, aos quais designamos *constituintes*. No enunciado (3) *A bola de basquete é azul*

e laranja, temos um constituinte em *A bola de basquete*, por exemplo. Mas, nesse contexto frasal, não temos um constituinte em *basquete é azul*.

É importante ressaltar que um dado constituinte pode pertencer a um constituinte maior, como *A bola de basquete* está dentro do constituinte de (3). Observe que a frase completa é também um constituinte.

Essa organização pode ser visualizada pela seguinte estrutura frasal:
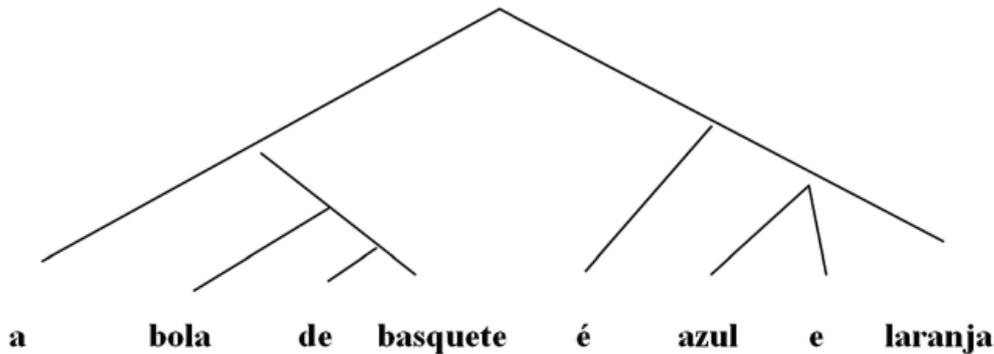
Figura1 - Diagrama frasal à semelhança de PERINI, 1995, p. 44

MANIFESTAÇÕES DA RELAÇÃO DE REGÊNCIA

No domínio da sintaxe, "reger" significa que um constituinte determina em parte a forma do outro. Em Português, o fenômeno da regência se manifesta na concordância verbal e nominal, nos fenômenos da transitividade e nos pronomes oblíquos.

A título de exemplificação, observe o constituinte *a criança faminta* do enunciado (4) *A criança faminta queria o sorvete* e perceba que *criança* é um elemento "feminino" e está no "singular". Por ser regente das formas a e *faminta*, estas últimas ocorrem também no feminino singular. Trata-se de uma concordância nominal.

No enunciado (4), ocorre outro caso de regência manifestado na transitividade do verbo querer, que determina o seu complemento: o constituinte *o sorvete*. Veja que ocorrerá outra regência se alterarmos apenas o verbo do enunciado *A criança faminta gostava de sorvete*. Com o verbo *gostar*, o complemento precisa vir precedido da preposição *de*.

Finalmente, os pronomes oblíquos *me, mim, o, nos, os* podem ser regidos por um verbo ou uma preposição. Leia os enunciados com pronomes oblíquos de primeira pessoa e observe suas regências:

(5) Júlia me ama muito.
(6) Júlia gosta de mim.
(7) Júlia sonhava comigo.

Em (5), o complemento verbal do verbo *amar* precisa ser *me*; em (6), o complemento do verbo *gostar* precisa vir precedido da preposição *de*; e, em (7), a preposição é *com* e o pronome assume a forma – *migo*, escrito juntamente com a preposição e tem-se desse modo *comigo*. Verbo e *preposição*, nesses casos, regem os pronomes.

CORRESPONDÊNCIA

Ocorre correspondência entre duas ou mais orações, quando há entre elas afinidade sintática por topicalização ou por clivagem.

Observe as orações (8) e (9), a seguir:

(8) O motorista atropelou o pedestre.
(9) O pedestre, o motorista atropelou.

Em (8), tem-se a sequência *sujeito* + *verbo* + *objeto* entre os termos da oração, e, em (9), ocorre a topicalização pela anteposição do objeto, resultando na sequência *objeto* + *sujeito* + *verbo*. Você pode verificar que as duas orações descrevem a mesma situação, mas tomam como ponto de partida elementos diferentes. A frase (8) tem como tópico ou assunto principal o sujeito (*o motorista*), e na frase (9) o elemento topicalizado é o objeto (*o pedestre*). Podemos entender que ocorre correspondência total entre frases (8) e (9), pois qualquer frase formada pela sequência *sujeito* + *verbo* + *objeto* pode se realizar pela ordenação *objeto* + *sujeito* + *verbo* e vice-versa.

Há outros casos, como as duplas de frases na voz ativa e na voz passiva, em que a relação só funciona em uma direção, isto é, ocorre correspondência parcial, pois uma frase passiva sempre corresponde a uma frase ativa, mas nem sempre uma frase ativa tem uma correspondente passiva. Observe que à frase (8) corresponde a passiva (10) *O pedestre foi atropelado pelo motorista;* mas não podemos afirmar que há correspondência entre (11) *Pedro ganhou um lindo cavalo e (12) * Um lindo cavalo foi ganhado por Pedro.*

A clivagem é outro recurso de correspondência entre frases. Tomando-se novamente a frase (8) como exemplo, observamos, a partir dela, ocorrências por clivagem em (13) *Foi o motorista que atropelou o pedestre e (14) Foi o pedestre que o motorista atropelou.* Você deve ter notado que as estruturas clivadas em (13) e (14) se formam com o auxílio do verbo *ser* + *que* e da anteposição do termo clivado.

CONCLUSÃO

Agora que você já conhece os princípios que orientam a descrição gramatical, como os planos da forma e do significado e também os tipos de fatos sintáticos, esperamos que tais princípios possam auxiliar a sua compreensão dos aspectos sintático-semânticos do padrão escrito e do uso oral do Português, que nortearão o desenvolvimento do estudo de aspectos descritivos do Português Brasileiro.

RESUMO

No ensino da gramática, devemos descrever os fatos da língua distinguindo o plano formal ou sintático do plano do significado ou semântico, sem deixar de estabelecer, contudo, um sistema de correlações entre ambos. Essa tomada de consciência é um dos primeiros passos para evitar as definições vagas e frágeis das funções gramaticais típicas da gramática tradicional. O conhecimento dos quatro tipos de fatos sintáticos – posição linear, agrupamento de constituintes, manifestações da relação de regência e correspondência – facilita a compreensão das estruturas e funções gramaticais da Língua Portuguesa.

ATIVIDADES

1. Com base no texto introdutório dessa aula, responda à questão abaixo, tentando dissertar um pouco sobre ela. Utilize, se for possível, um mínimo de 6 (seis) linhas para a resposta:

É possível conciliar o ensino do padrão escrito da língua portuguesa às demais formas de uso em diferentes contextos de produção linguística? Justifique e proponha uma situação de ensino que reforce sua justificativa.

2. Distinga os aspectos formais e de significado da unidade linguística camisinha.

3. Escolha um dos tipos de fatos sintáticos estudados e avalie sua importância para o ensino gramatical da língua portuguesa.

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Na primeira questão, você deve justificar sua posição concordante ou discordante sobre a conciliação entre o padrão escrito e as demais variedades de uso do PB. Para ambas as posições assumidas e justificadas, você deverá exemplificar com uma situação prática de ensino.

A segunda questão busca realçar que até mesmo na palavra isolada há construções menores que se orientam por aspectos formais e de significado. Se tiver dificuldade, guie-se pelo exemplo utilizado na aula com a palavra abacateiros.

Na terceira e última questão, você deve escolher apenas um dos quatro tipos de fatos sintáticos e avaliar sua importância para o ensino de algumas funções gramaticais.

REFERÊNCIAS

BECHARA, Evanildo. **Ensino da gramática**. Opressão? Liberdade?São Paulo: Ática, 1991.

NEVES, Maria Helena de Moura. **A gramática funcional.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

PERINI, Mário A. **Gramática descritiva do português.** São Paulo: Ática, 1995.

SAUSSURE, Ferdinand de.(1916). **Curso de linguística geral.** São Paulo: Cultrix, s/d.

GLÓSSARIO

asterisco - será usado antes de toda construção agramatical.

PB - Português Brasileiro

NdP - Núcleo do Predicado